

Antonio de Souza: leitor
Antonio de Souza: the reader

Lourran Antonio Alves da Silva*
lourranantonio@gmail.com

Katia Aily Franco Camargo
kafcamargo@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) nasceu com o propósito de preservar a história do estado. O seu acervo cosmopolita possibilita aos pesquisadores adentrarem na história e reconhecer a memória que a ele foi legado. Alguns intelectuais integraram essa instituição, dentre eles, Antonio José de Melo e Souza, mais conhecido por Polycarpo Feitosa. Sabendo da importância desse escritor, assim como aquela do IHGRN em preservar o acervo pessoal de Polycarpo, nossos objetivos são: (1) averiguar o acervo pessoal desse autor em relação a catalogação realizada por Moraes e Oliveira (2005); (2) analisar as obras em língua francesa presentes na estante particular do autor e (3) verificar se há intertextualidade explícita francesa em dois romances de Feitosa: *Gizinha* e *No Tempo da República*. Esperamos, com isso, dar nossa contribuição à história da leitura norte-rio-grandense.

PALAVRAS-CHAVE: IHGRN. Leitura. Influência francesa. Antonio de Souza.

ABSTRACT: The Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) was created to preserve the history of the state of Rio Grande do Norte. Its cosmopolitan collection enables researchers to enter into history and recognize the memory passed on to it. Some intellectuals joined this institution, among whom is Antonio José de Melo e Souza, better known as Polycarpo Feitosa. Knowing the importance of this writer and the Institute's role in preserving Polycarpo's personal collection, we aim to: (1) investigate the writer's personal collection in relation to the cataloguing done by Moraes e Oliveira (2005); analyze the works written in French in the writer's personal library, and (3) verify the presence of explicit French intertextuality in two of Feitosa's novels: *Gizinha* and *No Tempo da República*. We thus hope to contribute to the reading history of Rio Grande do Norte.

KEYWORDS: IHGRN. Reading. French Influence. Antonio de Souza

* Bolsista Propesq-UFRN/Trabalho realizado sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Katia Aily Franco Camargo.

1 Introdução

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) nasceu com o propósito de preservar a história do estado. Seu acervo cosmopolita possibilita aos pesquisadores da história da leitura reconstruir caminhos traçados por leitores potiguares do início do século XX. Alguns intelectuais integraram essa instituição enquanto membros, dentre eles, Antonio José de Melo e Souza, mais conhecido como Polycarpo Feitosa.

Sabendo da importância de Polycarpo Feitosa, assim como do IHGRN na preservação do acervo pessoal desse autor, dentre outros, os objetivos traçados foram: (1) averiguar o acervo pessoal de Feitosa em relação a catalogação realizada por MORAIS e OLIVEIRA (2005); (2) analisar as obras em língua francesa presentes na estante particular do autor (B3), no IHGRN, e (3) verificar se há intertextualidade explícita francesa em dois romances de Feitosa, a saber: *Gizinha* e *No Tempo da República*.

A fortuna crítica de Polycarpo Feitosa é parca. Rodrigues de Melo publicou, em 1970, *Quase Romance... Quase Memória...*, livro que reúne dois escritos inacabados do escritor: *No Tempo da República* e *Diário dum Recolhido*. Manoel Onofre Jr. escreveu, em 2007, *Simplesmente Humanos*, que conta um pouco sobre a vida pessoal de Antonio de Souza e, em 2010, *Ficcionistas Potiguares*, no qual descreve a importância de Polycarpo como um dos principais ficcionistas da literatura potiguar. Tarcísio Gurgel, em 2011, publica *Belle Époque na Esquina: o que se passou na República das letras potiguares*, na qual se encontra marcas da expressão francesa em Natal, além de informações sobre o sisudo Antonio de Souza.

A escassez de material sobre o que o autor e, conseqüentemente, sobre o que ele lia e quem o influenciou em seus escritos acabou nos interessando, sendo esse o ponto que norteou o desenvolvimento desta pesquisa.

2 A estante B3

A pesquisa consistiu em elencar os livros, de maneira geral, e os em língua

francesa, em especial, presentes no acervo particular de Antonio de Souza. Para isso, a catalogação da estante B3 do IHGRN, realizada por Moraes e Oliveira (2005), foi comparada *in loco* com os livros lá presentes hoje.

Após a comparação, separamos os livros escritos em outros idiomas, dando ênfase àqueles publicados em francês. Tabela e gráficos foram criados para se ter o controle do *corpus* elencado: na Tabela 1 procuramos analisar a localização dos livros e no Gráfico 1, procuramos quantificar a presença francesa em comparação aos demais idiomas encontrados no acervo.

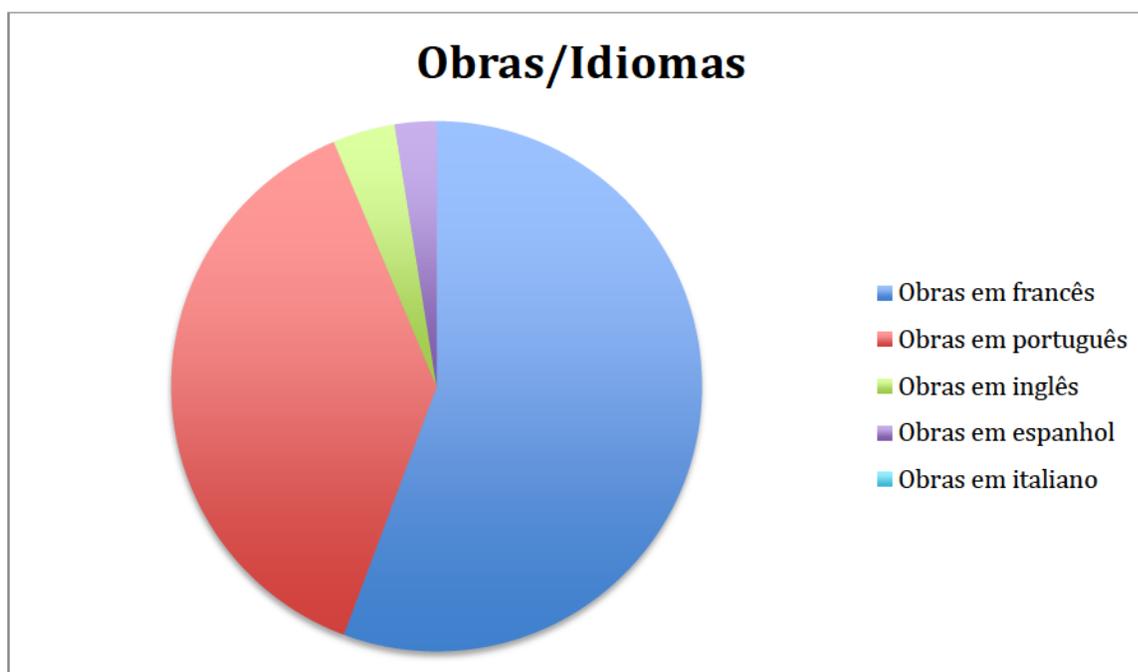
Tabela 1 – Livros da Estante B3

AUTOR	OBRA	EDIÇÃO	ANO	LOCALIZADA
<i>Almanach Hachette</i>	<i>Petite encyclopédie populaire de la vie pratique.</i>	Paris: Hachette	1905	SIM
_____.	_____.	_____.	1910	SIM
_____.	_____.	_____.	1913	SIM
_____.	_____.	_____.	1914	SIM
_____.	_____.	_____.	1923	SIM
_____.	_____.	_____.	1927	NÃO
ANGELL, N.	<i>La grande illusion.</i>	_____.	1910	SIM
BANDEIRA JÚNIOR; BILAC; PASSOS, GUIMARÃES	<i>Guide des États Unis du Brésil.</i>	Rio de Janeiro: Paula Souza & Companhia	1904	SIM
BATUAUD, J.	<i>Neurasthénie génitale féminine.</i>	Paris: A. Maloine	1906	SIM
BENGESCO, George.	<i>Carmem Sylva intime</i>	Paris: Felix Juven	1905	?
BERTHÉLEMY, H.	<i>Traité élémentaire de droit administratif.</i>	Paris: Arthur Rousseau	1913	SIM
BONFILS, H. Manuel de.	<i>Droit international public, droit des gens.</i>	Paris: Arthur Rousseau	1914	SIM
BRYCE, J.	<i>Les Républiques</i>	Paris: Marcel	1915	?

	<i>sud-américaines.</i>	Rivière		
CADÉAC, C.	<i>Sémiologie, diagnostic et traitement des maladies des animaux domestiques.</i>	Paris: J. B. Baillièrre et Fils	1905	?
CANTEL, J.	<i>La reine Cléopâtre.</i>	Paris: L'Édition Moderne	192-?	SIM
CLARETIE, Jules.	<i>Récits de guerre Paris Assiégé.</i>	Paris: Goupil	187-?	?
DELPECH, E. Ferrand et al.	<i>Premiers secours.</i>	Paris: J. B. Baillièrre et Fils	1904	SIM
?	<i>Dictionnaire grec-français.</i>	Paris: Garnier Frères	1911	SIM
DIGUET, Charles.	<i>La chasse en France.</i>	Paris: Jouvet & Cie	1896	?
GUYOT, Yves.	<i>La comédie protectionniste.</i>	Paris: Bibliothèque Charpentier	1905	SIM
HAURIOU, M.	<i>Précis de droit administratif et de droit public.</i>	Paris: Recueit Sirey	1911	?
HERTZ, Arthur F.	<i>La constipation et les troubles intestinaux.</i>	Paris: Masson et Cie	1912	?
HURET, Jules de.	<i>De San Francisco au Canada</i>	Paris: Eugène Fasquele (Bibliothèque Charpentier)	1912	SIM
JAMES, William.	<i>Philosophie de l'expérience.</i>	Paris: Ernest Flammarion	1914	?
JENNINGS, Oscar.	<i>La méthode guelpa.</i>	Paris: Octave Doin et Fils	1913	SIM
JEVONS, Stanley.	<i>La monnaie et le mécanisme de l'échange.</i>	Paris: Librairie Germer Baillièrre et Cie	1876	SIM

KAUTSKY, K.	<i>Documents allemands relatifs à l'origine de la guerre.</i>	Paris: Alfred Costes	1922	?
?	<i>La revue. v. 3.</i>	Paris: [s.n]	1903	?
?	_____. v.5.	_____.	1906	?
LAURENT, E.	<i>Précis d'éducation phisique moderne.</i>	Paris: Vigot Frères	1906	SIM
Lecture pour tous. (1899 - 1900)	<i>Revue Universelle et Populaire.</i>	Paris: Hachette	1899	?
?	<i>Le monde moderne. v. I - III</i>	Paris: Albert Quantin	1897	?
MARTÍN, Odilon.	<i>Nouveau formulaire magistral.</i>	Paris: Libraire J.B Baillièere et Fils	1915	?
MÉNARO, René.	<i>La vie privée des anciens.</i>	Paris: A. Morel	1883	?
MONTEUIS, A.	<i>L'alimentation et la cuisine naturelle.</i>	Paris: A. Maloine	1914	SIM
MOSNY, Brouardel.	<i>Hygiène individuelle.</i>	Paris: Librairie J.B	1906	?
PIERRE, Janet.	<i>Traité élémentaire de philosophie.</i>	Paris: Imprimeries Réunies	194?	?
RAFFALOVICH, Marc-André.	<i>Uranisme et unisexualité.</i>	Paris: Lyon A. Storck	1896	SIM
SAINT-GIRONS, A.	<i>Manuel de droit constitutionnel.</i>	Paris: L. Larose et Forcel	1884	?
SIEGFRIED, André.	<i>Les États-Unis d'aujourd'hui.</i>	Paris: Armand Colin	1929	SIM
STEVENS, C. Ellis.	<i>Les sources de la constitution des États-Unis.</i>	Paris: Guillaumin	1897	SIM
VERRIER, Otto.	<i>Conversations allemandes.</i>	Paris: Paul Verrier	1906	?

Gráfico 1: Livros - Idiomas



Segundo a catalogação de Morais e Oliveira (2005), 80 livros deveriam constar no acervo particular de Antonio de Souza, dentre eles: 44 em francês, 30 em português, 3 em inglês, 2 em espanhol e 1 em italiano. Embora alguns livros não tenham sido localizados no acervo do autor, preferimos criar a **Tabela 1** e o **Gráfico 1** baseados na catalogação desses autores, pois não pudemos averiguar ao certo se os livros não localizados estavam com algum sócio do IHGRN ou se simplesmente se perderam.

Comparando, então, os dados da **Tabela 1** do **Gráfico 1** e da catalogação de Morais e Oliveira (2005), percebemos que as obras em francês são em maior número que aquelas em língua portuguesa: elas somam 44 obras num total de 80, ou seja, 55% do total da estante B3. Percebemos, com isso, a relevância da quantidade de livros em língua estrangeira no acervo pessoal de Polycarpo, a saber: 62,5% que ultrapassam o número de obras em língua portuguesa, 37,5%.

Por meio desses dados, pudemos comprovar que a maioria das obras que compunham a Biblioteca Pessoal de Polycarpo era em língua francesa, o que reitera nossa ideia de que elas possam ter influenciado Feitosa em seus escritos pessoais, mais especificamente em *Gizinha* e *No Tempo da República*.

3 Antonio José de Melo e Souza – O Polycarpo Feitosa

Antonio José de Melo e Souza nasceu em 24 de dezembro de 1867, no vale do Capió da Vila Imperial de Papari, no estado do Rio Grande do Norte. Filho de Antonio José de Melo e Souza e Maria Emília Seabra de Melo e Souza, viajou com seu tio e padrinho, Dr. Tarquínio Bráulio de Souza Amaranto, rumo a Recife, onde frequentou e se formou na Faculdade de Direito, em Ciências Jurídicas e Sociais, no ano de 1889.

Figura misteriosa que ganhou a atenção de muitos intelectuais do meio, era contrário às tendências futuristas que vinham surgindo no século XX, permanecendo conservador com seus ideais. Ele será descrito por Câmara Cascudo, na obra *O Tempo e eu* (1968), como um ser sisudo, como podemos ver no extrato abaixo:

Alto, pálido, carnadura sólida, os cristais dos óculos aguçando o olhar penetrante e míope, quase surdo, arredo, alheado a qualquer vínculo social, amando a solidão, as leituras intermináveis, desconfiando do desinteresse humano, inimigo de cerimônias oficiais, de convivência numerosa, com maneiras polidas e glaciais, foi um homem sem confidências, sem intimidades, sem contar uma anedota escabrosa, soltar um palavrão, aparecer desabotoado ou de pijama (CASCUDO *apud* GURGEL, 2006, p. 175).

Em outro trecho, da mesma obra, Cascudo descreve a peculiaridade de Antonio de Souza, resistente às mudanças que vinham ocorrendo na cidade do Natal:

Era, naturalmente, cheio de idiosincrasias, restrições, antipatias. Implicava com as danças modernas daquele tempo, ragtime, two-steps, tango argentino. Vetou os bailes de Palácio. Na festa de 19 de novembro de 1921, o programa constava de valsas, passe-quatre e duas quadrilhas marcadas em francês por Manoel Dantas (CASCUDO *apud* GURGEL, 2006, p.176).

Antonio de Souza atuou em diversos campos importantes durante o período oligárquico: foi redator do periódico *A República* e governador do Estado do Rio Grande do Norte em 1907-1908. Após a morte do líder republicano, Pedro Velho de Albuquerque, Antonio de Souza atuaria como Senador da República, voltando a ser governador em 1920-1924. Aposentou-se em 1935, após ter sido nomeado Consultor Jurídico do Estado.

Em seu *Diário dum recolhido* (MELO, 1970, p. 73), Antonio de Souza se classifica como “jornalista de aldeia” no que diz respeito à sua observação dos costumes da época, assim como da política local, como podemos ler abaixo:

[...] Fui jornalista de aldeia, profissão em que se ensejam oportunidades de observar vaidades cômicas e ambições abstrusas (nas cidades dizem ser mais comum o espetáculo das vilanias e torpezas, não sei); fui duas vezes governo, condição ainda mais favorável para esses e vários outros estudos das chamadas psicologias individual e coletiva, cujos resultados certos são apenas, conforme a feição do espírito do observador, um pouco de tédio ou um pouco de riso.

Atento aos costumes locais, assim como o que havia além do território brasileiro, no mesmo diário, Antonio de Souza critica os hábitos do povo potiguar:

Habitados, como vivemos, a macaquear tudo, os costumes e os vestuários, em leis e os modos de falar, até nisso imitamos inconscientemente a linguagem daqueles, que menos precisam de chuva. Em Paris, ou em Londres compreende-se que achem mau esse tempo: além das repentinas baixas de temperatura e da umidade insalubre, que geralmente o acompanham, não têm ali lavoura nova nem gado magro; mas aqui? No próprio Rio de Janeiro é uma puerilidade falar de “mau tempo”, sobretudo nesta época do ano porque, além de atenuar o insuportável calor do verão tropical, pior que o nosso, a chuva abate a poeira, portadora de mil bichos miúdos, que nos invadem irreverentemente olhos, ouvidos, narinas e boca (MELO, 1970, p.78).

Observador, principalmente, dos costumes dos potiguares, não é por acaso que, além de exercer cargos públicos nas esferas local e nacional, escreveu obras que retratam os costumes de uma época, as quais assina com o pseudônimo Polycarpo Feitosa¹.

O autor escreveu obras como: *Flor do Sertão* (1928), *Gizinha* (1930), *Alma Bravia* (1934), *Encontros do Caminho* (1936), *Os moluscos* (1938), *Gente Arrancada* (1941), assim como algumas obras que não foram finalizadas, como, por exemplo, a obra *Quase romance... Quase memória...*. Neste livro, organizado por M. Rodrigues de Melo em 1967, consta um romance e as memórias de Antonio de Souza, que, apesar

1 Segundo Tarcísio Gurgel, o nome adotado pelo autor em 1897, “remete à personagem de Lima Barreto, nacionalista empedernido em suas convicções e por isso incorruptível” (GURGEL, 2006, p.176).

de inacabadas, são de muita importância para se entender as denúncias sobre os ideais republicanos que fez no romance, também inacabado, *No Tempo da República* (dividido em duas partes). Em suas memórias, nomeadas *Diário dum recolhido*, há mais dados sobre a personalidade de Antonio de Souza, propiciando-nos analisar as suas idiossincrasias.

O escritor e político faleceu no dia 5 de julho de 1955, na cidade em que se formou. Foi sepultado na cidade do Natal, no cemitério do Alecrim.

4 Editores: responsáveis pelas publicações de livros ou de ideais?

Ao analisar a estante pessoal do Antonio de Souza, percebemos, portanto, que a expressão francesa marcou a leitura do autor, assim como suas produções literárias. Na estante havia 80 obras dos mais diversos temas (literatura, política, economia, direito); dessas, como já dissemos, 44 obras eram em francês, 30 em português, 03 em inglês, 02 em espanhol e 01 em italiano, ou seja, mais de 50% das obras encontradas na estante do autor eram em língua francesa.

O primeiro livro em francês lido por Antonio de Souza foi *L'île Mystérieuse*, de Jules Verne. O autor descreve sua primeira leitura em seu livro *Dois Recifes*, no capítulo 11, intitulado O Primeiro Livro Francês. Informação importante, pois a partir da leitura desse livro, Antonio passou a comprar exemplares em francês na Livraria Francesa descrita em seu livro. Além do conhecimento e do gosto pela língua francesa, Antonio de Souza conhecia bem as edições dos livros que comprava. Os editores em seu acervo particular não são fortuitos. No mesmo capítulo, intitulado Livros.., Antonio de Souza descreve a *Bibliothèque Charpentier* como sendo a “do famoso editor de Zola”.

Dos 28 editores franceses encontrados, destacamos: a editora Hachette, *Arthur Rousseau*, *A. Maloine*, *J.B Baillièrre et Fils*. Notamos uma maior quantidade de obras publicadas pela Hachette, dentre as quais o *Almanach Hachette – petite encyclopédie populaire de la vie pratique*.

Esse pequeno almanaque tratava de vários temas que visavam mostrar o que havia de grandioso pelo mundo afora (principalmente na França), que ia desde

produtos a serem contratados até espaços voltados às Artes. Ao final do almanaque, encontramos um Índice Alfabético com os temas abordados na edição de 1909, como: *L'Univers, Histoire-Universelle, Géographie, Littérature, Beaux-Arts, Mariage Foyer, Notre Argent, Droit usuel, Agriculture, Sports et jeux, Agenda, Vie pratique*.

Para compreendermos melhor a presença desses almanaques, recorreremos à Bibliothèque Numérique da Biblioteca Nacional da França - Gallica, e, numa edição do *Almanach da Hachette* de 1894², encontramos uma parte dedicada aos leitores intitulada *A nos lecteurs*, que explicava qual era sua função e como era organizado:

C'est ainsi que nous avons touché aux sujets les plus divers, que nous nous sommes efforcés de réunir et de condenser, sous la forme la plus populaire et la plus brève, des matières dispersées dans de coûteux ouvrages techniques ou professionnels, dans le volumineux dictionnaires (versão digital, p.5).

Em relação aos temas propostos pelo *Almanach*³:

Notre *Almanach* est le Vade-Mecum des gens pressés; on peut le mettre dans sa poche ou sur le coin de sa table. Est-on embarrassé par un accord de participe ou par un calcul usuel, on trouve dans notre *Almanach*, résumées en quelques pages, les difficultés de la grammaire française, et l'arithmétique simplifiée par des exemples. A-t-on des doutes sur le redoublement d'une lettre dans la terminaison d'un mot, sur le pluriel d'un mot composé, sur la conjugaison d'un verbe, notre *Almanach* contient un lexique des mots d'orthographe difficile, la liste du pluriel des mots composés et les temps principaux des conjugaisons irrégulières. Ne se rappelle-t-on plus une date de l'histoire générale, le titre du chef-d'œuvre d'un écrivain illustre, la position d'une ville, le cours d'un fleuve, etc., on n'a qu'à recourir au chapitre de l'histoire universelle, aux tableaux de la littérature de tous les peuples, à nos cartes géographiques qui éclairent la lecture des nouvelles politiques ou coloniales du monde (versão digital, p. 5).

Como podemos perceber no trecho acima, o *Almanach* servia como um suporte das mais diversas áreas que, segundo seus editores, eram úteis à vida prática do indivíduo. Há uma expressão fundamental para se entender, de maneira geral, esses almanaques que eram lidos por Antonio de Souza, *le Vade-Mecum, i.e.*, textos

2 Para ver a obra na íntegra, consultar o link: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k63878781/f21.image.r>
Acesso em 15 jan. 2015.

3 Ver nota de rodapé 2.

destinados à instrução pessoal, como o estudo da gramática francesa, conjugação de verbos, terminações de uma palavra, obras primas de escritores reconhecidos, etc. Por meio da rubrica *À nos lecteurs*, vemos que os almanaques tinham papel fundamental na instrução, uma função ideológica, além da grande importância na divulgação do conhecimento.

Outro aspecto importante nesses almanaques diz respeito à quantidade de imagens, em algumas edições, coloridas, pois ajudavam na associação do significado de uma palavra ou de expressões que não tivessem sido bem explicadas, assim como a modernização da impressão dos livros: “nous avons groupé sur toutes ces matières des informations d'une utilité courante, et chaque fois que l'explication était compliquée, nous avons eu recours à la gravure et aux figures d'ensemble” (versão digital, p. 5).

Para exemplificarmos melhor o que afirmamos acima a respeito dos ideais, observamos o pensamento central da *Bibliothèque Charpentier*, fundada pelo editor Gervais Charpentier em 1838⁴, também presente na B3, tendo contribuído na formação dos ideais de Antonio de Souza:

[...] en 1838, constitue le premier modèle; celles de propagande – qu'elles émanent des cercles républicains ou des milieux catholiques; et, enfin, les collections encyclopédiques. Certaines d'entre elles sont nées de l'héritage des Lumières et de son “idéal d'éducation populaire”, d'autre de la volonté de progrès intellectuel et matériel exprimée par l' “élite ouvrière”.

Nesse trecho, observamos dois núcleos centrais: primeiro, o dos republicanos e segundo, o dos católicos; em seguida, percebemos que os ideais são: a educação popular e o progresso intelectual do indivíduo. Esses ideais eram provindos da Era das Luzes, do Iluminismo.

5 Presença francesa no romance *No Tempo da República*

No tempo da República é um romance inacabado, interrompido em 1944 para

4 Consultar o Bulletin des Bibliothèques de France in: <http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2000-03-0133-011>. Acesso em 15 jan. 2015.

dar continuidade a outro escrito intitulado *Dois Recifes* (MELO, 1970, p.70). O livro foi dividido em duas partes: a primeira parte se desenrola nos arredores do bairro da Ribeira, no recinto do *Alvorada*, jornal que tinha como propósito disseminar ideais republicanos. Aí circulavam personagens que representavam figuras ilustres da época, como o protagonista Deodato Juazeiro, que suspostamente representaria Antonio de Souza; Paulo Júnior, que representaria o líder oligárquico Pedro Velho, etc. A dissimulação dessas figuras representadas por personagens fictícios nos indica o cuidado que o autor teve em não divulgar, de maneira explícita, os nomes reais daqueles que pertenciam à oligarquia que lutava por uma república, mas que mantinham suas raízes no parentesco, no apadrinhamento, nos favores que eram prestados àqueles que aderiam ao regime republicano. A segunda parte do livro (inacabada), se desenrola no cenário carioca, lugar em que Deodato conhecerá Linita, sua pretendente. É também nesse cenário que se observa uma forte presença francesa, principalmente na cena vivida pelo protagonista junto à Linita, como podemos observar no trecho abaixo:

[...] Deodato aludia, com modéstia e ..., à possibilidade de vir qualquer dia da sua terra como deputado federal, e Linita ao projeto, já autorizado pelos pais, desde que houvesse companhia condigna, de ir ver as terras heroicas dos antepassados, de ver Sevilhas e Granadas, com um pulinho, naturalmente, a Paris e outros lugares apetitosos (MELO, 1970, p.65).

A crítica, no entanto, do narrador está em conflito com os ideais de seus personagens: “Estava-se no meio do ano, o tempo lustroso das companhias líricas e das imitações estrangeiras, quando se aplaudem óperas e se usam peles com a convicção simiesca de que na Europa se faz o mesmo... no período oposto do ano” (MELO, 1970, p. 66)

O status das personagens é constantemente demonstrado pelo narrador; por conseguinte, pode-se notar o que era considerado civilizado em terras brasileiras, motivado pela ideia de civilização que os franceses possuíam. Podemos constatar essa ideia de progresso quando o narrador descreve a chegada de Deodato Juazeiro ao Rio de Janeiro:

Vindo do ameníssimo inverno do Nordeste, Deodato sentiu entusiasmado o relativo frio carioca, e logo mandou fazer um prestigioso sobretudo, comprou luvas *en peau* e, começando por elas, foi aprendendo a empregar palavras e frases francesas, como era de rigorosa obrigação nos meios elegantes (MELO, 1970, p. 66).

É também nesse trecho que percebemos algumas marcas francesas na obra do autor Polycarpo Feitosa: como as “luvas *en peau*” e “foi aprendendo a empregar palavras e frases francesas”; isto é, o autor mostra que, nessa época, não apenas deveria se vestir à moda francesa, mas também aprender palavras ou expressões que representassem o status do indivíduo na sociedade brasileira, o nível de seu grau de *politesse*, de educação, em resumo, de “afrancesamento”. Empregar expressões francesas era marca de pertencimento à elite; oscilar entre a língua materna e o francês indicava o nível de conhecimento de mundo que o indivíduo poderia ter. É o que nos demonstra o narrador no diálogo entre Paulo Júnior e Deodato Juazeiro, quando o primeiro convida o segundo para fazer parte do meio político, oferecendo-lhe um cargo na política. Deodato recusa o pedido e é repellido por Paulo Júnior: “*excusez du peu*” (MELO, 1970, p.14).

No uso do pronome pessoal *tu*, outra marca que corresponde à influência que Paulo Júnior tinha do francês, o autor explica o emprego desse pronome antes do convite que Júnior fizera a Deodato: “Paulo Júnior teve um dos tais sorrisos, e com o hábito amável de tratar por tu os mais moços a quem estimava” (MELO, 1970, p.14); também encontramos essa explicação novamente na página 24: “E dando-lhe pela primeira vez o “tu” que usava com os *d’A Alvorada*”.

Isso demonstra certa marca de afrancesamento, de homem do mundo, presente em seus escritos, que vai desde vocábulos, expressões, modo de emprego de pronomes, não se limitando apenas ao francês, como podemos observar na citação que segue, quando Aurélio Brando, o redator para quem Deodato havia mostrado os versos que seriam dedicados à sua musa:

- “- Não há dúvida, replica Aurélio sorrindo, mas isso pode provocar escândalo nas almas *bigottes*.

- Dessas *non curat pretor*, replica Deodato soberbo, pagando-lhe o francês com latim (MELO, 1970, p.29).

Além das influências apresentadas acima, o conhecimento histórico do autor também se mostra presente na obra, quando observamos o personagem Aurélio fazendo reverência à Revolução Francesa de 1789:

É, sim, meu amigo, apenas diferentes da outra. Se fosse para fazer o mesmo na política, nos costumes, nos sentimentos, valeria a pena ter-se feito república? Não, nós não temos ódios, nem tomamos vinganças. O que nós queremos é aquilo do 89 francês... (MELO, 1970, p.49).

Finalizando o diálogo com Andrade Brasil, calando Aurélio: “*Liberté, égalité, fraternité*, atalhava logo Andrade Brasil” (MELO, 1970, p.49).

Outra marca da influência francesa em *No Tempo da República* diz respeito à obra literária que o motivou a descrever a ida de Deodato Juazeiro com Linita ao Lírico para assistirem à Ópera *La Traviata*: “Na noite desse mesmo dia foram ao Lírico, onde se cantaria a Traviata, de cujo enredo Linita se afirmava informada pelo conhecimento do famoso romance francês [*La Dame aux Camélias*], do qual, segundo lhe dissera um dos seus antigos candidatos, poeta e literato, o libreto fora tirado” (MELO, 1970, p.68).

Contudo, mesmo com essa citação do “famoso romance francês”, este não foi localizado em sua estante particular. Entretanto, sabemos que não lemos apenas os livros que possuímos...

Mesmo sendo uma ficção inacabada, que só veio a público graças à publicação por Rodrigues de Melo, pudemos perceber várias marcas francesas nesse escrito de Antonio de Souza que demonstram o quão influenciado ele foi pela França durante um período em que se buscava um ideal de progresso civilizador.

Convém salientar, ainda, que o cosmopolitismo do autor não se limita ao campo apenas linguístico, mas se estende à História, à Política e aos costumes. Prova disso são os livros de cunho político, jurídico e econômico que encontramos na B3.

6 Marcas francesas na obra *Gizinha*

A obra *Gizinha* publicada em 1930, segundo Rodrigues de Melo, é uma ficção que se desenrola na década de 1920, momento em que a cidade do Natal vinha sofrendo intensas mudanças em sua estrutura urbana e também nos costumes das

famílias que habitavam bairros nobres. É nesse ambiente que a protagonista Adalgiza, Gizinha, vivia com seus pais, oscilando entre o bairro histórico, a Ribeira, e o Teatro Carlos Gomes.

Em *Gizinha*, encontramos elementos que indicam a mudança dos tempos, o progresso. Gizinha era uma mulher que exibia a liberdade do seu ser com a premissa de ser Mulher: ir ao baile, buscar ousar e confrontar os novos tempos à tradição.

Podemos fazer uma leitura de *Gizinha* sob o olhar de *La Reine Cléopâtre*, de Jeanne Cantel, ou melhor, com a personagem rainha Cleópatra, tida como umas das rainhas mais belas, que representa um símbolo de força, de decisão.

Outro personagem que podemos comparar com a obra de Cantel é o Julinho, que, por suas características, a começar pelo nome, nos leva a Júlio César, amante de Cleópatra. Julinho é marido de Gizinha. Homem bastante conservador, começa a suspeitar que sua esposa está tendo uma relação extraconjugal com um antigo pretendente. É interessante notarmos que Júlio terá um fim trágico por causa de sua constante dúvida a respeito da fidelidade da esposa. Ele acaba viajando ao Norte do país para nunca mais voltar à sua terra natal.

A partir do exposto, podemos sugerir uma influência francesa na criação desses dois personagens: o primeiro pelas características ousadas, tais como a da rainha egípcia; o segundo, pelas características do nome próprio. Isso não quer dizer que o autor pretendesse criar uma Cleópatra e um Júlio César, mas, após sua possível leitura do livro de Cantel, podemos supor que alguns valores interferiram na escrita dessa obra de Polycarpo Feitosa.

Considerações Finais

Neste trabalho, foi possível perceber a importância de se preservar o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e todo o seu acervo, composto por uma série de antigas bibliotecas particulares.

Podemos dizer, após análise do conteúdo da estante B3, que Antonio de Souza possuía uma maioria de livros em língua francesa e que suas leituras, como demonstramos ao analisar *No Tempo da República* e *Gizinha*, influenciaram sua

escrita. Finalmente, pudemos observar a importância de Polycarpo Feitosa para se compreender o cenário natalense durante a “Belle Époque”, seja por meio do retrato traçado em suas obras, seja por meio de suas leituras.

Referências

CASCUDO, Luís da Câmara; ARRAIS, Raimundo. *Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal: EDUFRN, 2005.

FEITOSA, Polycarpo. *Gizinha*. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

FEITOSA, Polycarpo. *Dois Recifes*. 2.ed. rev. Recife: CEPE, 2010.

GURGEL DOS SANTOS, Tarcísio. *Belle Époque na esquina: o que se passou na República das letras potiguares*. Natal: UFRN, 2006.

_____. *Belle Époque na Esquina: o que se passou na República das letras potiguares*. Natal: EdUFRN, 2011.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara; FERNANDES DE OLIVEIRA, Caio. *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte: história e acervo*. Natal: DEI, 2005.

ONOFRE JR, Manoel. *Simplesmente humanos (Ensaios)*. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2007.

_____. *Ficcionistas potiguares: biografia e crítica*. Natal: Edição do autor, 2010.

RODRIGUES DE MELO, Manoel (Org.). *Quase romance... Quase memória*. Natal: DEI, 1970.